

A autoridade do apóstolo André no Quarto Evangelho: André, um dos Doze, o primeiro a ser chamado.

*The authority of the apostle Andrew in the Fourth Gospel:
André, one of the Twelve, the first to be called*

Osmar Debatin

Resumo

O artigo visa aprofundar, através da análise narrativa, a autoridade do apóstolo André no Quarto Evangelho, sendo articulado em três pontos, onde no primeiro, destaca-se a presença deste apóstolo nos Evangelhos Sinóticos, mostrando que encontramos André inserido no grupo simbólico dos Doze no segundo lugar na lista de Mateus (Mt 10, 2-4) e de Lucas (Lc 6, 14-16) e na quarta posição em Marcos (Mc 3, 16-18) e nos Atos dos Apóstolos (At 1, 13-14), mostrando assim, um sinal particular da autoridade que ele tinha junto à comunidade primitiva. No segundo e terceiro ponto, destaca-se a presença de André no Quarto Evangelho, onde ele é recordado: no início, no episódio de sua separação do Batista e no começo do seu seguimento a Jesus; no centro, pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes, seguido do abandono de alguns discípulos e a confirmação no seguimento do grupo dos Doze, que permanecem (Jo 6, 67-71) e, no final, quando os Doze, estão envolvidos nos últimos momentos dramáticos da etapa final da missão salvadora de Jesus. Assim, André confirma sua autoridade no Quarto Evangelho, sendo o “primeiro a ser chamado”, o primeiro que confessou o Messias e o primeiro também a glorificar o Senhor.

Palavras-chave: André. Quarto Evangelho. Primeiro. Autoridade.

Abstract

The article aims to deepen, through narrative analysis, the authority of the apostle Andrew in the Fourth Gospel. It is divided into three parts, where in the first, the presence of this apostle in the Synoptic Gospels stands out, showing that we find Andrew inserted in the symbolic group of the Twelve in second place in Matthew's list (10, 2-4) and Luke (Lc 6, 14-16) and in fourth position in Mark (Mc 3, 16-18) and in the Acts of the Apostles (At 1, 13-14), being a particular sign of the authority he had within the primitive community. In the second and third parts, Andrew's presence in the Fourth Gospel stands out, where he is remembered: at the beginning, in the episode of his separation from the Baptist and the beginning of his following Jesus; in the center, by the miracle of the multiplication of the loaves and fishes, followed by the abandonment of some disciples and the confirmation in the following of the group of Twelve, who remain (Jo 6, 67-71) and, at the end, when the Twelve are involved in the last dramatic moments of the final stage of Jesus' saving mission. Thus, Andrew confirms his authority in the Fourth Gospel, being the "first to be called", the first to confess the Messiah and the first also to glorify the Lord.

Keywords: Andrew. Fourth Gospel. First. Authority.

Introdução

No Novo Testamento fala-se pouco de André, contudo, muitos aspectos da sua atuação podem ser deduzidos sobre aquilo que se afirma dos Doze, que Jesus chama a segui-lo. Os discípulos são chamados a ouvir, entender os ensinamentos de Jesus e vivê-los em consequência numa comunhão vital com a sua pessoa, participando da sua missão e do seu próprio destino. Mas, poderia André escapar das exigências amorosas Daquele que também o chamou para segui-lo em uma missão árdua, mas sedutora? Como ele é colocado na lista dos Doze nos Sinóticos e no chamado dos primeiros discípulos no Quarto Evangelho, demonstrando assim sua autoridade na comunidade primitiva?

O fato é que no Novo Testamento, sobretudo nos Evangelhos, André está presente de forma explícita e notável. Nos Sinóticos, encontramos ele inserido no grupo simbólico dos Doze, no segundo lugar na lista de Mt 10, 2-4 e de Lc 6, 14-16 e na quarta posição em Mc 3, 16-18 e nos At 1, 13-14. Mas, a autoridade que André ocupa no elenco dos Doze, depende da estrutura desta lista nos Evangelhos Sinóticos.

Já no Quarto Evangelho, aspectos destacados no segundo e terceiro ponto deste artigo, precisamos antecipar que André, sempre com Filipe, aparece nos pontos-chave da narrativa do ministério público de Jesus. De fato, ele é mencionado: no início do Evangelho, no episódio de sua separação do Batista, e no começo do seu seguimento

a Jesus; no centro, pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes, ao qual se segue o abandono de alguns discípulos e a confirmação no seguimento do grupo dos Doze, que permanecem com Jesus, e no final, quando os Doze, estão envolvidos nos últimos momentos dramáticos da missão salvadora de Jesus. No Quarto Evangelho, porém, André tem certa precedência, confirmando sua autoridade e, desta forma, ele é o “primeiro a ser chamado”, o primeiro que confessou o Messias e o primeiro também, como seu irmão Simão Pedro, a glorificar o Senhor.

1. O apóstolo André, um dos Doze nos Evangelhos Sinóticos

No Novo Testamento, sobretudo nos Evangelhos, o apóstolo André está presente de modo explícito e frequente.¹ A primeira vista, parece que ele está na carona de seu irmão Simão, chamado por Jesus de Cefas ou Pedro. Com Pedro, André está associado várias vezes, mas estranhamente não acontece sempre assim. É no Evangelho de Marcos que comumente André está conjugado a Pedro. Este Evangelho, que é o mais antigo dos três Sinóticos, numa “narração da vocação”, destaca que Jesus chama conjuntamente Pedro e André com estas palavras:

Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus ‘Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens’. E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram (Mc 1, 16-18; Mt 4, 18-20).²

Mas é somente Mc 1, 29 que afirma que Jesus em Cafarnaum, após ter ensinado na Sinagoga e curado um endemoninhado, “ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João” e neste lugar, ele curou a sogra de Pedro (Mc 1, 29-31).³ No episódio da pesca milagrosa de Lc 5, 1-11, André não foi mencionado quando Tiago e João foram indicados como sócios de Simão, isto é, Pedro. Nesta narração dos primeiros seguidores de Jesus, Lc 5, 1-11 elenca Pedro, Tiago e João, mas não André. Todavia, devemos ao menos supor a presença também de André com seu irmão Simão na barca da qual Jesus ensinava às multidões. Esta omissão de André no texto pode ser explicada pelo fato que Lucas se concentra na pesca milagrosa e na pessoa de Pedro, onde suas palavras exprimem as maravilhas e o espanto, também de Tiago e João como expectadores da cena deste prodígio (Lc 5, 3-10).⁴

¹ MEIER, J. P., Un ebreo marginale, p. 205-206; DUNN, J. D. G., Gli albori del cristianesimo, p. 546-550; 575-580.

² Todas as referências bíblicas são da BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

³ SCHMITHALS, W., Das Evangelium nach Markus, p. 106-108.

⁴ THEISSEM, G.; MERZ, A., O Jesus histórico, p. 238.

Encontramos o apóstolo André inserido no grupo simbólico dos Doze no segundo lugar na lista de Mt 10, 2-4 e de Lc 6, 14-16 e na quarta posição em Mc 3, 16-18 e nos At 1, 13-14, um sinal particular do prestígio que André tinha junto à comunidade primitiva. Todavia, o lugar que André ocupa no elenco dos Doze depende também da estrutura desta lista nos diversos evangelhos.⁵ Por exemplo, Mateus parece privilegiar modelos ordenados e, em consequência, não surpreende que na sua reorganização, coloque André do quarto lugar de Marcos para o segundo, visando criar dois pares de irmãos.

Assim, com exceção da lista dos nomes dos Doze (Mc 3, 18), André desaparece ao longo da narração que Marcos apresenta do ministério público de Jesus. Ele reaparece apenas nos últimos dias da vida terrena de Jesus e mesmo assim, na companhia de Pedro, Tiago e João, quando Jesus pronuncia seu discurso escatológico:

Ao sair (Jesus) do Templo, disse-lhe um dos seus discípulos: “Mestre, vê que pedras e que construções!”. Disse-lhe Jesus: “Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida”. Sentado no monte das Oliveiras, frente ao Templo, Pedro, Tiago, João e André lhe perguntavam em particular: “Dize-nos: quando será isso e qual o sinal de que todas essas coisas estarão para acontecer?” (Mc 13, 1-4)

Recordando novamente André na última parte do seu evangelho, antes do evento decisivo da paixão, morte e ressurreição de Jesus, Marcos dá assim a verdadeira intencionalidade destacada no início da “narração vocacional”, quando nominou o mesmo André juntamente com seu irmão Pedro, Tiago, filho de Zebedeu e João, seu irmão (Mc 1, 19). Logo, André faz parte do primeiro núcleo dos discípulos de Jesus, com Pedro, Tiago e João, testemunhas das primeiras curas (Mc 1, 29-33), guardiões, segundo Mc 13, 3, do ensinamento de Jesus no grande discurso Escatológico.⁶

A partir dos poucos textos paralelos em relação a Marcos que se leem em Mateus e Lucas, e com exceção da lista dos Doze que eles apresentam, o apóstolo André, além dos três Sinóticos, não é mais citado. Todavia, pode também surpreender que, depois do elenco dos Doze, agora reduzido a onze nomes devido ao fim trágico de Judas Iscariotes, André desaparece completamente do livro lucano dos At 1, 13, dedicado à narração da história dos Apóstolos. Aqui, nos seus primeiros capítulos, se destacam Pedro e Tiago, assim como se acentua o martírio do mesmo Tiago. Assim, a lista do primeiro capítulo de At, onde o nome de André aparece depois de Pedro, João e Tiago (At 1, 13), é independente de Mc 3, 16-19, e representa uma reformulação editorial da

⁵ MEIER, J. P., Un ebreo marginale, p.135-157.

⁶ BROWN, R., Introdução ao Novo Testamento, p. 226-227.

lista fornecida no terceiro evangelho, provavelmente para refletir o peso crescente de João na comunidade Jerusalemitana (Gl 2, 9).⁷

Logo, diferentemente, dos dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, que comumente são mencionados em conjunto, no resto do Novo Testamento, é Pedro que se destaca como detentor de liderança e autoridade. Com exceção do Quarto Evangelho, André é efetivamente ignorado. Acostumando-se com um extremo minimalismo exegetico, um estudioso, por outro lado, iluminado, fecha agora seu esquema sobre André nos Sinóticos, destacando que desta forma, seu nome desaparece “da história da igreja primitiva”,⁸ mas, não da comunidade Joanina, onde ele ganha uma autoridade de destaque.

2. O apóstolo André, um dos Doze e o “primeiro a ser chamado” no Quarto Evangelho

Todavia, não é exagerado considerar a presença do apóstolo André no Quarto Evangelho fora da “história da igreja primitiva”? Este evangelho não faz parte desta história? E quando nele aparece André, não há nenhum valor “histórico”? E, numa hipótese, este valor “histórico” do Quarto Evangelho e daquilo que ele atesta fosse nulo, não teríamos sempre neste evangelho outros valores, por exemplo, a interpretação teológica, simbólica ou espiritual, que de qualquer modo, foram respeitados e receberam nos últimos dois milênios muita atenção da história cristã?

Particularmente quando J. P. Meier menciona o apóstolo Filipe, serve-se em boa parte do Quarto Evangelho, considerando notícias que claramente ele destaca como “históricas”.⁹ No entanto, nos Sinóticos e nos Atos não se acentua Filipe como uma pessoa fora da lista dos Doze, mas ele no Quarto Evangelho representa uma figura particularmente interessante, pois geralmente aparece na companhia de André. Juntos, André e Filipe estão entre os mais distintos discípulos do Batista (Jo 1, 35.40).

No entanto, o Quarto Evangelho provavelmente se refere a uma tradição antiga – independente dos Sinóticos – a respeito de João Batista.¹⁰ Mesmo na história joanina da vocação dos primeiros discípulos, cujas diferenças são notadas e as contradições em comparação com as histórias dos outros evangelhos, é possível perceber a persistência de uma tradição “pré-canônica” autônoma, portadora de informações “totalmente plausíveis”.¹¹ Os exegetas estão divididos acerca da historicidade de detalhes

⁷ PESCH, R., *Die Apostelgeschichte I*, p. 78.

⁸ MEIER, J. P., *Un ebreo marginale*, p. 206.

⁹ MEIER, J. P., *Un ebreo marginale*, p. 206.

¹⁰ DODD, C. H., *La tradizione*, p. 305.

¹¹ BROWN, R., *The Gospel*, p. 77.

individuais: a precedência de André sobre Pedro no chamado,¹² o encontro entre Jesus e Natanael,¹³ ou a notícia de que André, Pedro e Filipe eram de Betsaida,¹⁴ cidade judaica, mas situada numa região pagã, em contato frequente com a cultura grega — o que explicaria o nome grego de André (Ἀνδρέας)¹⁵ e sua intervenção em favor de “alguns gregos” em Jo 12, 22.

André é o primeiro discípulo a ser nomeado, na secção (Jo 1, 35-51). O evangelista insere a narração da vocação dos primeiros discípulos no esquema cronológico da semana inaugural do ministério de Jesus, com fortes conotações simbólicas,¹⁶ convergindo para uma progressiva revelação cristológica: do testemunho de João (“Eis o cordeiro de Deus”, v. 35) à confissão de André (“Encontramos o Messias”, v. 41) e de Filipe (“aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas”, v. 45) e a culminante de Natanael (“Então Natanael exclamou: ‘Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel’”, v. 49), confirmada pelo próprio Jesus (o *logon* de Jo 1, 51) sobre o Filho do Homem retratado na imagem da escada de Jacó em Gn 28, 12. Nesta secção, se narra que João, o Batista, no dia após ter batizado Jesus,

Os dois discípulos ouviram falar e seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: “Que estais procurando”? Disseram-lhe: “Rabi (que traduzido, significa Mestre), *onde moras*” (ποῦ μένεις)? Disse-lhes: “Vinde e vede”. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente. André, o irmão de Simão Pedro, *era um dos dois* que ouviram as palavras de João e seguiriam Jesus (Jo 1, 37-40).

Visando destacar a sequência desta narrativa, evidenciamos *em itálico* algumas palavras. Prestando atenção, pode-se notar que o evangelista, num primeiro momento, acentua os “dois discípulos” do Batista, mas não fornece os nomes. Depois, uma vez que estes discípulos seguiram Jesus e permaneceram na sua casa, o evangelista nos proporciona o nome de um dos dois, André como irmão de Simão Pedro. Assim, pode-se supor que este último, quando ainda não estava na cena, foi introduzido somente com seu nome, porque ao seu momento, sua função virá em seguida. O outro discípulo do Batista no Quarto Evangelho não terá mais nome. Como se pode ver adiante, sempre neste evangelho, para André nas diversas circunstâncias, ele aparece na companhia de

¹² DODD, C. H., La tradizione, p. 373-374.

¹³ HAENCHEN, E., Johannes Evangelium, p. 178 e 184.

¹⁴ “É difícil imaginar um motivo que pudesse ter levado o evangelista a inventar tal declaração”; DODD, C. H., La tradizione, p. 374-375. “A informação de João não é suspeita”; SCHNACKENBURG, R., Das Johannesevangelium, p. 313.

¹⁵ CULLMANN, O., San Pietro, p. 22.

¹⁶ C. COULOT, Le témoignage de Jean-Baptiste, p. 225-228.

Filipe. Por que, agora, o inominado discípulo do Batista, que segue Jesus juntamente com André, não poderá ser o próprio Filipe?¹⁷

A narrativa da perícopes em destaque continua acrescentando André logo após ele ter seguido Jesus e permanecido em sua casa,

encontrou primeiramente (πρῶτον) Simão e lhe disse: “Encontramos o Messias (que quer dizer Cristo)”. Ele o conduziu a Jesus. Fitando-o, disse-lhe Jesus: “Tu és Simão, o filho de João; chamar-te-ás Cefas” (que quer dizer Pedra) (Jo 1, 41-42).

Tentemos desenvolver a discussão delineada até agora. A completa sequência narrativa da perícopes que destacamos em dois momentos poderia ser assim dividida: declaração do Batista (1, 37); Jesus e os dois discípulos (1, 38-39); André e Pedro (1, 40-41) e Jesus e Pedro (1, 42). Examinando apenas esta sequência, notamos que, segundo o Quarto Evangelho, André não é somente o “primeiro” entre todos os que serão discípulos e os Doze a ser recordado pelo nome, e assim, colocado cronologicamente, mas enquanto seguidor de Jesus antecede seu irmão Simão Pedro, como também, é o “primeiro” que se coloca no seguimento de Jesus. Conforme narra o evangelista, Jesus voltou-se aos dois discípulos e, “vendo que eles o seguiam, disse-lhes: ‘Que estais procurando (Τί ζητεῖτε)’?” (Jo 1, 38a). Neste ponto, André, juntamente com seu companheiro “inominado”, responde: “Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras (ποῦ μένεις)’?” (Jo 1, 38b). E desta forma, não podemos superficialmente mencionar que esta narrativa não tenha algo de “histórico”, pois, como se afirmou: “O Quarto Evangelho é uma história em que a função de ensinar um propósito testemunhal é particularmente acentuado”.¹⁸

Todavia, não é um detalhe a ser subestimado o fato de André ser apresentado inicialmente como um discípulo do Batista, e que com outro seguidor do Batista, provavelmente Filipe, se uniu a Jesus. A este respeito, existe a possibilidade de aplicar-se indubitavelmente o parâmetro da atestação múltipla de outros critérios essenciais para avaliar a “historicidade” de um fato relatado nos evangelhos e no Novo Testamento, em geral. De fato, o Quarto Evangelho é um caso especial entre todos os evangelhos¹⁹ e uma tentativa de mencionar suas peculiaridades com relação aos Sinóticos é impossível aqui. Logo, para o Quarto Evangelho, que atribui certa importância a Pedro entre os Doze e os outros discípulos, não é constrangedor atestar que André venha do círculo Batista e, mesmo ainda não mencionado, seguiu Jesus por “primeiro”, embora ainda não tenha compreendido sua dimensão “messiânica”, ele

¹⁷ MEIER, J. P., *Un ebreo marginale*, p. 204.

¹⁸ GHIBERTI, G., *Introduzione al Vangelo secondo Giovanni*, p. 47.

¹⁹ Dentre outros: SCHNACKENBURG, R., *La persona di Gesù nei quattro vangeli*, p. 313-413; SEGALLA, G., *Giovanni*, p. 223.

primeiro concebeu o germe da fé como o Messias – o Cristo e anunciou esta fé a seu irmão, Simão Pedro.²⁰

Já o mencionamos, entre os Sinóticos, Mc 1, 16 e Mt 4, 18 recordam que o início da missão pública de Jesus ocorre através de seu encontro com dois homens, precisamente com Pedro e André e depois com Tiago e João.²¹ Lucas permanece em silêncio sobre a presença explícita de André e também tentamos vislumbrá-la perguntando por quê, mas é sempre Jesus quem chama esses homens. Ainda conforme o Quarto Evangelho, no início do ministério de Jesus há um encontro com dois homens, mas desta vez, eles são indicados como discípulos do Batista e, com base no relatório do próprio Batista, “Eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1,36), são eles que começam a seguir Jesus e um deles é André. E ainda é André que, graças a esta experiência, que poderíamos imaginar deslumbrante, começou a descobrir quem é Jesus. A urgência desta surpresa move André, que ele conhece “primeiro” ao seu irmão Simão Pedro, para lhe anunciar a boa notícia, o “evangelho” desta descoberta: “Encontramos o Messias (que quer dizer – μεθρημηνουόμενον) – Cristo” (Jo 1, 41).

Esta é uma afirmação que chama a atenção pela sua forma absoluta, especificada no versículo mais adiante no testemunho de Filipe a Natanael (Jo 1, 45). Dentre outros aspectos, observou-se que, quando o Quarto Evangelho chama Jesus de Nazaré o “Cristo”, significa entender que ele é o “Salvador”, enquanto, se usa a expressão “Jesus Cristo”, o autor quer antes indicar que ele é o “Revelador” e conjuntamente o “Salvador”.²² Se fosse este o caso, as palavras de André “encontramos o Messias, o Cristo”, equivaleria à certificação que, segundo o evangelista, André teria compreendido que Jesus é precisamente o “Salvador”. No entanto, como André disse no plural, “encontramos”, provavelmente visava falar ao seu irmão como também em nome de seu companheiro de discipulado, Filipe.

Mas, o sempre surpreendente e misterioso Quarto Evangelista não quer talvez que André proclame a todos os homens “quem é” aquele que ele encontrou? Entretanto, em André a descoberta não termina com o anúncio dirigido ao irmão, mas se realiza com o acompanhamento de Simão a Jesus. Assim, o pescador André imediatamente o faz por iniciativa própria, começa a pescar homens para Jesus.²³ O primeiro a ser pego na rede é seu irmão Simão, que “Fitando-o, disse-lhe Jesus: ‘Tu és Simão, o filho de João; chamar-te-ás Cefas’ (que quer dizer Pedra – ὁ ἐρμηνεύεται Πέτρος)” (Jo 1, 42). Logo, para o Quarto Evangelista “a forma mais espontânea e completa de fé é a

²⁰ BULTMANN, R., *Das Evangelium des Johannes*, p. 67.

²¹ Para esta questão: MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 103-109.

²² GRUNDMANN, W., *chrio, christós*, p. 1053.

²³ Para um aprofundamento da expressão “pescador de homens” usada por Jesus em Mc 1, 17 somente para Simão Pedro e André e que não há paralelos nem no AT, nem no NT.; MEIER, J. P., *Un ebreo marginale*, p. 24.

seguinte: o discípulo não é outro senão o crente e o crente não pode deixar de se tornar discípulo”.²⁴

Desta forma, André a partir do momento que encontrou aquele que já havia procurado antes no Batista, mas não recebeu uma resposta que não era ele, “se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?” (Jo 1, 25), ele não só deposita fé em Jesus, acredita nele, começa a segui-lo, mas anuncia esta fé preocupando-se em ampliar o número daqueles que podem ser conquistados para a sua mesma fé, e então, ele começa a perder a sua própria vida por causa dele.

E assim, no Quarto Evangelho, a partir do chamado dos primeiros discípulos (Jo 1, 35-51), André é o primeiro na procura, o primeiro na fé, o primeiro no seguimento, o primeiro na proclamação, o primeiro no apostolado de Jesus de Nazaré como Messias ou Cristo. Ou seja, há suficientes elementos, pelo menos no Quarto Evangelho, para atribuir o título a André de πρωτόκλητος, isto é, o “primeiro chamado”, como ele é reconhecido acima de tudo na tradição das igrejas orientais.²⁵

3. O apóstolo André entre o mar da Galileia, Jerusalém e o mundo

Do companheiro de André, Filipe, também incluído entre os Doze, sempre o Quarto Evangelho afirma que ele é de Betsaida (ἀπὸ Βηθσαϊδά), “a cidade de André e de Pedro” (ἐκ τῆς πόλεως Ἀνδρέου καὶ Πέτρου) (Jo 1, 44). A divergência entre esta notação rápida e o que, por sua vez, declara Mc 1, 29, que Pedro e André tinham casa em Cafarnaum, pode receber tentativas diferentes e conflitantes de uma solução. Se trata de uma questão aberta e que provavelmente permanecerá assim e para sempre.²⁶ Simão Pedro e André poderiam, por exemplo, terem sido originários de Betsaida, localizada na costa nordeste do Mar da Galileia ou Lago Tiberíades. Eles poderiam mais tarde, mudado para Cafarnaum, alguns quilômetros a oeste, quando Pedro se casou. Simão Pedro e André eram de profissão, pescadores. Cafarnaum era um centro importante para o trabalho deles e, não sem razão, se tornará um ponto estratégico para a missão de Jesus na Galileia.²⁷ A presença de André foi mencionada acima nas listas dos Doze e como ele está agora posicionado aqui, chama a atenção. Deste modo, podemos acrescentar agora também que em duas dessas listas, precisamente na de Mc 3, 16-19 e At 1, 13, André está em quarto lugar depois de Simão Pedro, Tiago e João, portanto, não imediatamente próximo de seu irmão como nas listas de Mt 10, 2-4 e Lc 6, 14-16, mas pouco antes de Filipe, que em todas as quatro das listas que temos, está

²⁴ GHIBERTI, G., *Introduzione al Vangelo secondo Giovanni*, p. 57.

²⁵ BROWN, R., *The Gospel*, p. 83.

²⁶ MEIER, J. P., *Un ebreo marginale*, p. 237; nota n. 62.

²⁷ DODD, C. H., *La tradizione*, p. 379.

sempre colocado em quinto lugar e perto de Filipe. Por sua vez, o Quarto Evangelho não demonstra particular interesse no grupo dos Doze e não dispõe de uma lista precisa e completa.²⁸ As referências aos Doze, eles são agrupados, e de fato isolados, no sexto capítulo (vv. 67. 68. 69. 70. 71; cf. 11, 1; 20, 24). É claro que o Quarto Evangelho nomeia alguns membros do grupo dos Doze e, entre estes, é surpreendente que o faça por André e Filipe como se fosse uma dupla de amigos próximos de Jesus (1, 35-46; 6, 5-8; 12, 21-22; 14, 1-9). Assim, pode-se concluir que no Quarto Evangelho

estamos lidando com uma tradição muito diferente daquela que encontramos nos Sinóticos, com sua enumeração precisa dos nomes dos Doze e sua ênfase com os Doze na parte mais antiga da tradição da paixão.²⁹

Simão, como André e Filipe são nomes de origem grega. E aqui está o que é também a luz sobre o porquê de três personagens do grupo dos Doze, que têm a ver com o território ao redor do Mar da Galileia, incluindo também Betsaida e Cafarnaum no período da helenização centenária, embora nunca completa, terem os nomes gregos: Simão, André e Filipe, sendo os dois primeiros, irmãos, enquanto os dois últimos, companheiros.³⁰ Isso nos permite afirmar razoavelmente que eles também poderiam ser capazes de falarem tanto grego quanto aramaico, a partir dos testemunhos que permaneceram nos evangelhos e que dizem respeito ao tempo em que seguiram o Jesus terreno. Simão Pedro pode ter sido ajudado pelo seu conhecimento do grego e mais tarde, nas suas viagens certamente feitas a Antioquia, Corinto e finalmente Roma. Considerando tudo isto, é difícil, para não dizer impossível, privar ou mesmo atenuar de valor histórico o núcleo essencial das notícias relacionadas aos irmãos Simão Pedro e André conjuntamente com as referências a Betsaida e Cafarnaum, sobretudo, pela sua credibilidade nas múltiplas atestações das fontes (Mc 1, 21. 29-31; 2,1; 9, 33; Mt 8, 5; 11, 23; Lc 7,1; 10, 15; Jo 2, 12; 4, 47; 6, 17. 24. 59; 1Cor 9,5).³¹ Precisamente os laços com Betsaida e Cafarnaum não são improváveis devido ao conhecimento do grego que pode explicar por que André e Filipe, além de fazerem parte do grupo do Batista, são apresentados nas fontes evangélicas, regularmente, como companheiros.

Conforme a notícia do Quarto Evangelho, no “terceiro dia” depois que André encontrou Jesus, houve um casamento em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava lá e “Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também” (Jo 2, 1-2). Para

²⁸ BULTMANN, R., *Das Evangelium des Johannes*, p. 78.

²⁹ MEIER, J. P., *Un ebreo marginale*, p. 237.

³⁰ É fácil entender que André e Felipe são nomes gregos. Simão também é um nome grego comum, usado pelos judeus que falavam grego, para traduzir o semítico *Sim'ôn*. Nas listas dos Doze há também um Simão, o Cananeu ou o Zelota, com nome e denominações; MEIER, J. P., *Un ebreo marginale*, p. 209-214.

³¹ HENGEL, M., *La questione Giovannea* p. 307; n. 108.

muitos estudiosos, o milagre que acontece durante o curso do casamento em Caná, seria demasiado “teológico” e “joanino” para poder se obter um reconhecimento científico da sua historicidade.³² Não podemos abordar esta questão aqui, devido a sua complexidade. Contudo, podemos levantar a hipótese de que o “princípio dos sinais”, que Jesus realizou, aconteceu, segundo o Quarto Evangelista”, diante dos discípulos e, neste caso, também diante de André, que, percebendo aquela primeira manifestação de “glória” (δόξα) realizada por Jesus, juntamente com as demais, pôde confirmar a sua própria fé (Jo 2, 11).³³

Posteriormente, quem sabe, quantos outros “sinais” André também presenciou. Com evidente envolvimento pessoal, juntamente com Filipe, agora permanentemente integrado entre os Doze, ele entra na história da versão joanina, e somente nela participa do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.³⁴ Na verdade, é André que sinaliza para Jesus a presença de um menino com cinco pães de cevada e dois peixes:

Depois disso, passou Jesus para a outra margem do mar da Galileia ou de Tiberíades. Uma grande multidão o seguia, porque tinha visto os sinais que ele realizava nos doentes. Subiu, então, Jesus à montanha e aí se sentou com seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus. Levantando Jesus os olhos e vendo a grande multidão que a ele acorria, disse a Filipe: “Onde compraremos pão para que eles comam?”. Ele falava assim para pô-lo à prova, porque sabia o que iria fazer. Respondeu-lhe Filipe: “Duzentos denários de pão não seriam suficientes para que cada um recebesse um pedaço”. Um de seus discípulos, André, o irmão de Simão Pedro, lhe disse: “Tem aqui um menino, que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tantas pessoas?”. (Jo 6, 1-9).

Portanto, é André que conduziu o irmão Simão a Jesus e que primeiramente confessou o Messias. Mas o autor do Quarto Evangelho lhe reserva um papel específico, após sua rápida passagem na cena de Jo 6, 8-9 (a multiplicação dos pães), quando numa das passagens centrais da sua teologia, aquela em que se revela a “hora” de Jesus, com o paradoxo da glória do Crucificado: Jo 12, 20-33. Aqui, André e Filipe, sempre juntos, são mencionados quando alguns gregos (“Ἑλληνές τινες), vindos de Jerusalém para a Páscoa,

se aproximaram de Filipe, que era de Betsaida da Galileia e lhe pediram: “Senhor, queremos ver Jesus!”. Filipe vem a André e lho diz; André e Filipe o dizem a Jesus. Jesus lhes responde: “É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem” (Jo 12, 21-23).

³² SCHMITTALS, W., *Johannesevangelium*, p. 337-341.

³³ VIGNOLO, R., *Personaggi del Quarto Vangelo*, p. 221.

³⁴ BARRET, C., *El evangelio según san Juan*, p. 413-414.

Esta “hora” da “glorificação”, à qual Jesus alude no Quarto Evangelho, equivale aos últimos dias de sua existência terrena, aqueles em que ele celebra a última ceia com os Doze, e assim se realiza o tríduo pascal, que inclui os eventos supremos de paixão, morte e finalmente, a sua ressurreição.³⁵

Devemos, portanto, tomar nota de que André, ainda com Filipe, é destacado nos pontos-chave da narrativa do ministério público de Jesus elaborada pelo Quarto Evangelista. André, de fato, é recordado: no início do Evangelho, no episódio de sua separação do Batista e no começo do seu seguimento a Jesus; no centro, pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes, que antecipa o discurso “eucarístico” de Jesus, ao qual se segue o abandono de alguns discípulos e a confirmação no seguimento do grupo dos Doze, que permanecem, e, mediante Pedro, confessam a sua fé (Jo 6, 67-71) e no final, quando os Doze, que acompanham Jesus a Jerusalém, estão envolvidos nos últimos momentos dramáticos e emocionantes da etapa final da missão salvadora de Jesus.

Em muitas outras etapas importantes do ministério público de Jesus, talvez também André participou de forma visível, presente e ativa. Esperava-se que aprendêssemos especialmente para ver como ele também reagiu à queda inesperada do destino terreno de seu Mestre e Messias, quando Judas Iscariotes o traiu e seu irmão Simão Pedro o negou. Será que André não fugiu como os outros discípulos quando Jesus foi capturado, julgado, condenado à morte e crucificado?

Talvez deva ser dado como certo que Jesus ressuscitado dentre os mortos teria também aparecido a André como aos outros Doze reduzidos a onze, no cenáculo, onde eles estavam retidos por medo dos judeus. Como Tomé, talvez também André poderia ter dito a Jesus ressuscitado, que agora glorioso e vencedor da morte, mostrando suas feridas nas mãos, pés e no lado: “Meu Senhor e meu Deus” (Jo 20, 28).

É demasiado supor a presença implícita de André na narrativa, que serve de epílogo à versão final do Quarto Evangelho (Jo 21, 1-23)? Aqui se narra que na última manifestação de Jesus ressuscitado, perto do Mar de Tiberíades,

Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e *dois outros de seus discípulos*. Simão Pedro lhes disse: “Vou pescar”. Eles lhe disseram: “Vamos nós também contigo”. Saíram e subiram ao barco e, naquela noite, nada apanharam (Jo 21, 2-3).

Um desses dois discípulos anônimos não poderia ter sido, na imaginação do Quarto Evangelista, mais uma vez André, irmão de Simão Pedro, e o outro, em caso,

³⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 529.

seu companheiro Filipe? E, se fosse esse o caso, ao ouvir a pergunta repetida três vezes por Jesus a Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas?” (Jo 21, 15. 16. 17), não poderíamos associar à resposta tripla de Pedro, até mesmo de André, e afirmar “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo?” (Jo 21, 17).

Por outro lado, como destacado acima, para o Quarto Evangelho, não existe fé sem seguimento e não há seguimento sem testemunho.³⁶ De fato, vimos isso em André que o seu testemunho foi imediato como a fé que ele tinha em Jesus desde o primeiro encontro que teve com ele, e dirigiu seu testemunho ao irmão Simão a ponto suficiente de levá-lo pessoalmente a Jesus. Mas poderia haver testemunho sem amor pessoal a Jesus? Assim, não há, portanto, nada de estranho em levantar a hipótese de que, se André também estivesse presente ao lado de seu irmão Simão Pedro, também durante a última aparição de Jesus no Mar da Galileia, ele poderia ter testemunhado a Jesus sobre seu amor como fez seu irmão Simão Pedro. É claro que é uma longa cadeia de “se”, uma longa série de hipóteses coordenadas, o que também poderia nos levar a uma declaração de certeza “histórica” sobre este fato.

Sem dúvida, o método narrativo não nos ajuda aqui, nem pode auxiliar-nos nenhum outro método: só podemos tatear no escuro e com um pouco de imaginação. Contudo, não é fantasia que, conforme o livro lucano dos *Atos dos Apóstolos*, no Pentecostes, André também recebeu o Espírito Santo para que também ele, como os outros do grupo dos Doze, se levantasse sobre as estradas do mundo para ir e fazer de todas as nações, discípulos do seu Senhor.³⁷

O Quarto Evangelho, porém, acrescenta que Jesus ressuscitado, sempre na última manifestação naquele dia no Mar da Galileia, predisse a Simão Pedro:

“Em verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias: quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres”. Disse isso para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus (Jo 21, 18-19).

Assim, André ainda era para sempre um dos Doze, na verdade, o “primeiro a ser chamado” e desde o encontro inicial e surpreendente com Jesus, ele aceitou perder sua própria vida por ele, Jesus, seu Salvador. De fato, houve muitos dias extraordinários de seguimento ou, por assim dizer, de “iniciação” à inteligência e participação no “mistério” Jesus. Houve também dias convulsivos e amargos de covardia e deserção. Mas também teve horas de arrependimento, perdão e reabilitação. Não se seguiram longos anos de missão em terras desconhecidas e hostis, as conversões obtidas e as

³⁶ CASALEGNO, A., Para que contemplem a minha glória, p. 357.

³⁷ BROWN, R., Introdução ao Novo Testamento, p. 397-398.

perseguições sofridas? Com tudo isso, André confirma sua autoridade no Quarto Evangelho, sendo o “primeiro a ser chamado”, o primeiro que confessou o Messias e o primeiro também, como seu irmão Simão Pedro, a glorificar o Senhor.

Conclusão

Sem pretender fornecer novos elementos no nível exegético ou hagiográfico, ou para abrir perspectivas no nível eclesiológico, pretendemos propor uma reflexão à luz daquelas passagens joaninas em que a figura do apóstolo André adquire traços peculiares e de destaque, quando comparada à tradição sinótica, e na qual emerge ao mesmo tempo, uma ligação profunda entre o seguimento do Senhor e a vida de comunhão dos discípulos e das diferentes comunidades que acolhem seu testemunho de fé.

Para percebermos a autoridade de André no Quarto Evangelho, destacamos, num primeiro momento, sua figura na tradição Sinótica e seu testemunho na comunidade primitiva. Aqui, André é expressamente indicado na segunda posição, depois de seu irmão Simão, na narração da vocação dos primeiros discípulos em Mt 4, 18-19, que segue fielmente Mc 1, 16-18. A passagem paralela do terceiro evangelho não nomeia André Lc 5, 1-11, mesmo que o uso do plural (Lc 5, 5. 6. 7) sugere a presença do irmão de Simão. Contudo, Lucas - talvez para dar verossimilhança a uma narração de vocação não preparada em Mc e Mt - situa a cena do chamado *após* a primeira pregação (Lc 4, 21-37) e os primeiros milagres de Jesus na presença de Simão (Lc 4, 38-41), no contexto de um episódio (a pesca milagrosa) que tem analogia com a narração de Jo 21, 1-6. Assim, nos Sinóticos, André faz parte do primeiro núcleo com Pedro, Tiago e João dos discípulos de Jesus, testemunhas das primeiras curas (Mc 1, 29-33), guardiões, segundo Mc 13, 3, do ensinamento esotérico de Jesus no grande discurso escatológico.

No elenco dos Atos dos Apóstolos, André aparece em segundo lugar, depois de Pedro em Lucas e Mateus, que corrige a ordem de Marcos, onde André está em quarto lugar (Mc 3, 17; 13, 3). A lista de Atos, onde André aparece depois de Pedro, João e Tiago (At 1, 13), é independente de Mc 3, 16-19, e representa uma reformulação editorial da lista fornecida no terceiro evangelho, provavelmente para destacar o crescimento do apóstolo João na comunidade de Jerusalém. Enfim, é interessante notar como, no evangelho de Marcos, André está associado a Filipe, e isto, talvez, constitua um ponto de contato com a tradição joanina.

Nas segunda e terceira partes, destacamos a figura de André no Quarto Evangelho, mostrando sua autoridade e precedência nos pontos-chave deste evangelho. Aqui em particular, André tem uma importância para a tradição subsequente da Ásia Menor, pois na afirmação de Hengel:

O papel particular de André na tradição joanina, comparável ao de Filipe, também é confirmado pelo Cânon Muratoriano, onde se destaca que o estímulo para escrever o evangelho veio de uma revelação recebida de André [rr. 13 ss.: *eadem nocte reuelatum andreae ex apostolis ut reco gniscentibus cuntis (sic) iohannis suo nomine cuncta describeret*]. Os Atos de André, provavelmente escritos no final do século II, colocam o herói no norte da Ásia Menor, na Macedônia e na Acaia, isto é, aproximadamente perto de Éfeso.³⁸

Assim, a autoridade do apóstolo André no Quarto Evangelho é confirmada na sua precedência em ser o “primeiro a ser chamado”, o primeiro que confessou o Messias e o primeiro também, como seu irmão Simão Pedro, a glorificar o Senhor. Sem dúvida, André, irmão do pescador de Simão, natural de Betsaida, discípulo de João Batista, é amigo de Filipe. Um homem capaz de ouvir e de dialogar, que sem demora, após escutar a palavra do Batista que indica o Cordeiro, que acolhe e transmite a Jesus a necessidade de alimentar a multidão (Jo 6, 8-9), que interpreta a procura dos gregos (Jo 12, 22), aquele que foi o primeiro a discernir e confessar Jesus como o Messias, ele é também o discípulo habitado pela busca de Deus e por isso, mereceu um lugar de precedência no Quarto Evangelho.

Referências Bibliográficas

BARRET, Charles, Y. **El evangelio según san Juan**. Madrid: Cristiandad, 2003.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Raimond. **Introdução ao Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

BROWN, R. **The Gospel according to John I-XII**. The Anchor Yale Bible Commentary. London: Yale University Press, 2008.

BULTMANN, Rudolf. **Das Evangelium des Johannes**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1964.

CASALEGNO, Alberto. **Para que contemplem a minha glória**. Introdução à teologia do evangelho de João. Coleção Bíblica Loyola 57. São Paulo: Loyola, 2009.

COULOT, Claude. “Le témoignage de Jean-Baptiste et la rencontre de Jésus et de ses premiers disciples (Jn 1,19-51). Approches diachroniques et synchronie”. In:

³⁸ HENGEL, M., La questione, p. 71.

MARCHADOUR, Alain. (ed.). **Origine et postérité de l'évangile de Jean**. XIIIe Congrès de l'ACFEB, Toulouse (1989). Paris, Cerf, 1990.

CULLMANN, Oscar. San Pietro. Discepolo-Apostolo-Martire. In: PRANDI, Alfonso. (ed.). **Il primato di Pietro nel pensiero contemporâneo**. Bologna: Il Mulino, 1965.

DODD, Charles, H., **La tradizione storica nel quarto vangelo**. Collana Biblioteca teológica. Marchio: Paideia, 2000.

DUNN, James, D. G., **Gli albori del cristianesimo**. I, La memoria di Gesù. 2. La missione di Gesù. Brescia: Queriniana, 2006.

GHIBERTI, Giuseppe. **Introduzione al Vangelo secondo Giovanni**. Brescia: Queriniana, 2007.

GRUNDMANN, Walter. *chrio, christós etc.* In: FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, [Gerhard](#). **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. XV. Marchio: Paideia, 1988.

HAENCHEN, Ernst. **Johannes Evangelium**. Ein Kommentar, Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1980.

HENGEL, Martin. **La questione Giovannea**. Studi biblici 120. Marchio: Paideia, 1998.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1989.

MEIER, John, P., **Un ebreo marginale**. Ripensare il Gesù storico. 4.ed. BTC 120, Brescia: Queriniana, 2002.

PESCH, Rudolf. **Die Apostelgeschichte I**. (Apg 1-12). Zürich-Einsiedeln-Köln: Bensiger Verlag, 1986.

SCHMITHALS, Walter. **Das Evangelium nach Markus**. Kapitel 1-9. VI 1, Gütersloh: Gerd Mohn, 1979.

SCHMITTALS, Walter. **Johannesevangelium**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **Das Johannesevangelium**. Erster Teil. Einleitung und Kommentar zur Kap. 1-4. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1972.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **La persona di Gesù nei quattro vangeli**. Supplementi al Commentario teológico del Nuovo Testamento 4. Marchio: Paideia, 1995.

SEGALLA, Giuseppe. **Vangelo secondo Giovanni**. Roma: San Paolo, 1998.

THEISSEM, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**. Um manual. Coleção Bíblica Loyola 33. São Paulo: Loyola, 2002.

VIGNOLO, Roberto. **Personaggi del Quarto Vangelo**: Figure della fede in San Giovanni. 2.ed. Biblica. Milano: Glossa, 2003.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n10a03

Osmar Debatin

Doutor em Teologia Bíblica Pontificia Università S. Tommaso d'Aquino –
Angelicum – Roma, Itália.

Docente da Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC
Florianópolis/SC – Brasil

E-mail: peosmar@gmail.com

Recebido em: 15/07/2024

Aprovado em 08/10/2024